

Contando minha história

É bem difícil fazer isso, mas, para que me conheçam melhor, é preciso um exercício de voltar atrás e rever um pouco a vida. Nem muito boa, nem muito ruim. Só isso mesmo: uma vida.

Sou filha de portugueses. Meu pai veio sozinho de Portugal aos 13 anos e ficou por horas esquecido no Porto que não era o Maravilha. Veio para trabalhar e morar desconfortavelmente na Tijuca. Mas segue a vida e ele torna-se um comerciante no ramo de padaria. Vai e volta de Portugal e, um dia, casa-se com quem se tornaria, 9 meses depois, minha mãe. Américo e Leonor, com uma diferença de idade de 13 anos a mais para ele. Os dois nascidos numa aldeia, próxima ao Porto. Como trabalho, o campo, com oliveiras e uvas, verduras etc. Ambos tinham estudado até a 4ª série.



Vêm para o Brasil e nasci em 07 de julho de 1950, na Casa de Saúde Nossa Senhora de Lourdes e batizada na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Fácil



adivinhar meu nome, não? Loura e branquinha que mais parecia um melão. Não devia ser uma grande cena. Mas depois melhorou. Em 1952, ganhei uma irmã moreninha. Estava formado o par que unia as famílias – cada uma puxando um lado. Muito trabalho e sacrifício para criar as filhas, fazê-las estudar – em escola pública basicamente. Irmãos maternos agregados à família eram mais um trabalho pesado.



Seguindo em frente, estudei numa escola primária na Tijuca chamada Barão Homem de Melo. Naquela época, entrava-se na escola com 7 anos completos e nasci em julho, o que atrasou meu ingresso. A professora que me alfabetizou foi D. Dulce, com nome adequado para lidar com a loura de



cachinhos completamente tímida, com os cachos puxados constantemente pelos meninos.

Vale um registro: fiz a primeira comunhão em Portugal, com direito a vestido que parecia de noiva e festa na aldeia.

Ao final da 4ª série, passei em concurso para o Instituto de Educação da Mariz e Barros, na Tijuca, para fazer o curso ginásial e normal. É, fui normalista de andar de bonde, com a saia enrolada na cintura e as meias nos tornozelos, para desespero das inspetoras e alegria dos alunos do Colégio Militar, loucos pelas futuras professoras, nobre carreira à época e o destino de muitas meninas. Tive a sorte de, num determinado



momento, me encantar com a ginástica rítmica, que tanto prazer me deu por anos e tantas vitórias em campeonatos estudantis até o fim do curso normal.



Neste meio tempo, meu pai ficou muito doente e minha avó também, lá em Portugal. E aí lá se foi a família toda para lá por um ano. Não posso dizer que

gostei. Na verdade, detestei. Nenhuma responsabilidade do belo país, mas adolescentes arrancadas de seu habitat ficam meio chateadas. Mas ainda deu para arranjar um namoradinho por alguns dias, que ninguém é de ferro.

A minha turma de normal foi a primeira que, para acessar profissionalmente a escola pública, ainda estadual, antes da fusão, precisou fazer concurso público. Até o ano anterior, as normalistas viravam professoras do Estado sem concurso. E lá se foi a professora para a Vila Kennedy, saindo de casa às 4:30, para pegar um ônibus da Tijuca à Presidente Vargas, ainda ali funcionando a área de substituição, entrar em outro ônibus e chegar antes das 7 h a seu destino. Parece ruim sendo narrado, mas não era assim tão ruim à época. Os riscos eram reduzidos e o primeiro emprego sempre é muito desejado. A primeira turma a gente nunca esquece e essa então! Chegava a chorar de desespero, porque eram crianças com mais de 10 anos, analfabetas, revoltadas pela transferência, à força, para a Vila Kennedy. Saída de uma escola na Tijuca, sem nenhum amadurecimento ou experiência concreta em alfabetização, comecei a fazer cursinhos sobre todos os métodos disponíveis, num afã de aprendizagem para dar conta do recado. Mas o resultado veio essencialmente pelo caminho do afeto. Lembro aqui uma grande professora de História – Maria Yedda Leite Linhares – com quem tive a honra de trabalhar na Secretaria de Educação do Rio e na Secretaria Estadual de Educação. Mas essa é outra história. Ela dizia que a alfabetização se dá pelo coração e não se subordina somente às técnicas. Com a relação se aprofundando, o pânico acabou, a bagunça também e as crianças encontraram o caminho da aprendizagem.

Mas, voltando à narrativa, a jovem professora havia passado para a UERJ e a UFRJ para o curso de Letras – Português/Literatura – e fixou na UERJ sua escolha devido ao horário vespertino. Jornada longuíssima. Só um detalhe: a escolha por Letras e não Educação Física, como parte substantiva dos membros do grupo de ginástica, foi mesmo por vocação. Puro gosto por leitura e escrita, que me levaram a ler tudo que havia disponível no Instituto de Educação, virando noites incontáveis, e a me tornar uma compradora compulsiva de livros. Pesou um pouco não poder mais competir, mas não era possível conciliar trabalho, estudo e o prazer de treinar exaustivamente.

Quero acrescentar aqui que, entre tantas coisas, também ganhei 3 sobrinhos, filhos de minha única irmã. Hoje tenho 6 sobrinhos-netos (um único menino), em vésperas da sétima.

Após o fim do curso, veio a maratona de concursos públicos. Passei num concurso municipal no Rio, depois em dois concursos do Estado. E as escolhas estavam feitas. Duas matrículas de professora de português da rede pública, sendo conciliadas a duras penas com, pelo menos, duas escolas privadas, simultaneamente. Jornada pesada à qual se agregou uma pós-graduação em



Literatura na UFRJ, bem no momento em que também ingressei no movimento sindical dos professores, no final da década de 70, quando a ditadura era fortemente questionada e os movimentos começaram a explodir. No meio disso tudo, um mestrado em Literatura, que ficou pelo caminho, já na fase de início de dissertação, mas atropelado, por um lado, pela diretriz do orientador à época, ao indicar um livro como referência que absolutamente não me tocava o coração. Como é possível passar meses debruçada sobre algo que não te toca a alma? Tinha e ainda tenho hoje uma admiração imensa por Clarice Lispector, sua obra, vida e sofrimento. Naquele momento histórico, de reacenderem as lutas pela democracia e os movimentos, a subjetividade de Clarice parecia não responder ao que acontecia no Brasil. Conclusão: larguei o mestrado. Talvez disso me arrependa. Mas queria lutar pela democracia, participar ativamente dos movimentos, dar 60 aulas por semana. Bem, era um bocado de coisa a fazer. Algo se perderia. E aconteceu.

Particpei de diretorias do Sindicato dos Professores da rede privada, inicialmente respondendo pela grande Tijuca na organização do movimento, depois na executiva do sindicato. Nessa época, conheci um grande professor, e quero citá-lo, porque foi um mentor para mim, porque um democrata.



Robespierre, que nome gente, e que pessoa! Professor respeitadíssimo de Física, atuava na rede estadual, Pedro II e rede privada. Professor para sobreviver é assim mesmo que faz. Além disso, tinha verdadeiro carinho por orientar jovens militantes, para que estudassem

profundamente os teóricos, de forma a atuarem com plena consciência do que

faziam. Os desdobramentos mais positivos de minha vida, como capacidade de trabalho, responsabilidade, compromisso público foram gestados em muitas discussões em grupo, muito estudo e nas intermináveis conversas pela madrugada, após exaustivas reuniões, voltando nós para casa, eu na Tijuca e ele no Grajaú, num Karmann Ghia, e jantando em algum lugar disponível. Ao olhar para trás, vejo o bem que me fez com seus sólidos conceitos e sua ética inabalável. Não o temos mais por aqui, mas está na mente de muita gente, marcando nosso passado, presente e futuro.

Nessa época, comecei a militar no movimento feminista e várias amizades ali feitas permanecem até hoje: minha queridíssima amiga Neomi, a Ely, a Tania, também do mesmo sindicato, estão aí para confirmar. A base de professores é



basicamente feminina, mas suas direções sempre foram essencialmente masculinas. Luta dura essa!

Mas vida que segue. Com a eleição de Leonel Brizola para governador em 1982, já filiada ao PDT, tive meu primeiro cargo público, na Secretaria de Estado de Educação, Coordenação de 2º grau. A partir dessa experiência, outras se seguiram, seja na educação do município do Rio ou do Estado. Com o avanço do governo Brizola, criou-se um grupo, do qual participei, encabeçado pelo vice-governador, professor Darci Ribeiro, para elaborar o projeto pedagógico dos CIEPs. Experiência rica que iria interferir em minha visão sobre educação numa base mais teórica. Nesse grupo, uniram-se correntes políticas de diversos partidos. Época de idealismo, mas também muitas disputas. O importante é que, mesmo com diferenças, esse foi momento de enorme mobilização popular e realmente a educação foi discutida em cada esquina. Tornou-se algo popular, independente da correção ou não de todas as ideias em circulação.

Passou-se algum tempo, e cheguei à conclusão de que ser sindicalista e estar na área pública não era bem meu projeto de vida e passei a dedicar-me à gestão pública. Após a falência da prefeitura do Rio, decretada pelo próprio prefeito Saturnino Braga, candidatou-se a prefeito, pelo PDT, Marcello Alencar. Enorme movimento surgiu em torno dele e o grupo de educação do partido era muito expressivo. Marcello ganhou a eleição e assumimos a prefeitura em greve há 3 meses e com salários suspensos. Não foi começo fácil. Nada funcionava: a parte administrativa era caótica, as escolas abandonadas. E isso acontecia em todos os setores da administração pública municipal.

Mas tornou-se, realmente, o momento profissional mais gratificante. Apesar de início tão tumultuado, seguimos um caminho de que me orgulho. Salários recompostos, escolas consertadas e projeto pedagógico encaminhado, 4 anos de trabalho gigantesco, mas gratificante em seus resultados. A mobilização





interna e externa funcionou perfeitamente e foi possível construir um projeto educacional que antecipou propostas posteriormente implantadas pelo governo Fernando Henrique em seu mandato de presidente da república. Como exemplo, deixo registrado um projeto voltado para crianças de 10 anos ou mais, retidas na 1ª série e analfabetas. Com capacitação para professores, aumento de carga horária para os alunos – 6 horas -, biblioteca melhor equipada, em 1 ano a maioria desses alunos alfabetizou-se e seguiu em frente na sua vida escolar. É muito bom lembrar disso. O que começou com uma greve longa e desgastante terminou num projeto bem sucedido, conduzido democraticamente, moderno e voltado para a



atenção permanente a crianças e adolescentes. Tive a honra de ser diretora do Departamento de Ensino, responsável pela questão pedagógica das escolas e ser, em 1992, secretária municipal de educação do Rio. Noites viradas nunca foram tão felizes. Publicações elaboradas coletivamente, encontros internacionais, atividades culturais espalhadas pela cidade e voltadas para as crianças, treinamento de professor, recuperação dos alunos há anos repetindo ano sem se alfabetizarem. Não dá para enumerar.

Mas um dia terminou. E, ao fim do governo do prefeito Marcello Alencar, nos despedimos da população carioca numa carreata que atravessou a cidade da zona sul à zona oeste, num agradecimento coletivo à população carioca.



A vida seguiu em frente, e uma parte majoritária de lideranças do PDT, em março de 1993, filiou-se ao PSDB. O ex-prefeito Marcello Alencar começou, então, a percorrer o Estado do Rio e a organizar sua candidatura ao governo do estado, tornada vitoriosa em 1994. Com Fernando Henrique eleito presidente, iniciou-se a gestão tucana no Rio de Janeiro.

A Fundação Escola de Serviço Público – FESP – responsável por realizar concursos públicos e capacitação de funcionários públicos foi nossa próxima missão. Assumi a presidência em janeiro de 1995, cercada por grandes quadros da FESP e de pessoas que se agregaram a este projeto, parte expressiva de professores, e que colaboraram para

transformar a Fundação em um espaço educacional muito diverso. Projetos que iam de pós-graduação em Administração Pública, chancelada pela UERJ – Departamento de Direito – a cursos para órgãos específicos, sob demanda; outros que objetivavam resolver dificuldades da própria administração, como informática, com o avanço inicial da tecnologia no setor público. Seria cansativo enumerar, mas alguns foram simbólicos da preocupação educacional que tomou conta da Fundação. Havia nas escolas, tanto públicas como privadas, um nó histórico: sua secretaria, responsável, inclusive, pela documentação de alunos. Era necessário que os profissionais tivessem atualização permanente. A responsabilidade da regularização dos documentos dos/as alunos/as estava em suas mãos e isso afeta a vida de todos. E lá foi a FESP prestar mais esse serviço. Virou um sucesso e uma solução. Também por necessidade das escolas, formulou-se um curso para diretores/as, de forma a profissionalizar a gestão escolar.



Para não me estender demais, é com orgulho que destaco a educação à distância, com tutoria e encontros presenciais para todo e qualquer servidor. Projeto de dar orgulho a nós, educadores. Quando a educação à distância dava seus primeiros passos, a FESP, mais uma vez, colocou-se na vanguarda.

E o setor de concurso público, com demandas enormes, pela necessidade das prefeituras regularizarem seu quadro funcional, com milhares de contratados sem concurso, fez trabalho hercúleo. Profissionais sérios, honestos, competentes, das mais diversas formações, que, com muita disposição, enfrentavam rotina pesada, saindo de madrugada para o local das provas, com a responsabilidade de executar com qualidade, sigilo e responsabilidade os concursos, espalhados por grande parte dos municípios do estado. Maratona antes, durante e depois da realização. Dentro desse mesmo espírito, foi no governo de Marcello Alencar que a FESP passou a gerir a prova teórica do DETRAN, desmoralizada por sucessivos escândalos. Nunca mais houve qualquer questionamento sobre a lisura da aplicação da prova.

Uma última lembrança: iniciou-se, naquele momento, uma discussão de que a capacitação permanente fizesse parte da rotina do servidor e fosse levada em conta para progressões na carreira. Como deve ser num serviço público qualificado.

Gostaria de acrescentar que, em 1996, candidatei-me a vereadora do Rio, numa bonita e animada campanha embalada por muitos professores. Não me elegi, mas, com quase 8000 votos, senti-me feliz pela experiência de agregar aqueles que se mobilizaram para construir um belo projeto educacional no Rio



Infelizmente, nas reviravoltas da política, um governo elogiado não conseguiu eleger como governador o vice-governador de Marcello Alencar, o engenheiro



Luiz Paulo Corrêa da Rocha, que, desde a prefeitura do Rio, realizou um soberbo trabalho na área de obras, saneamento, infraestrutura e meio ambiente. Acabou o governo e a história mudou.



Em todos os meus momentos profissionais, a política partidária esteve presente. Pela minha origem, nunca pude entender sua ausência, em minha vida. A sociedade precisa incorporar essa consciência. Não importa se em movimentos associativos, corporativos, em defesa de causas que mais toquem a alma de cada um. O que realmente importa é olhar para fora, ficar atento ao que acontece e procurar participar de alguma maneira. A vida deve ser plena e engajar-se em uma causa faz parte dessa plenitude. Mas, sem dúvida, as múltiplas tarefas não são fáceis de administrar, mas cada um pode procurar um caminho mais adequado à sua própria vida.

A partir daqui, tentarei ser mais sintética – se isso for possível. Em 1999, após o fim do governo de Marcello Alencar, numa guinada profissional, fui para o SENAC, convidada a implantar um Centro Especializado de Educação em Saúde, em Bonsucesso, cujo objetivo era, além de funcionar com cursos e laboratórios de diversas especialidades, produzir conteúdo para as áreas técnicas da saúde como técnico de enfermagem, de prótese, saúde bucal, farmácia. Uma experiência nova e fascinante. Inclusive pela participação numa licitação, bem sucedida, aliás, para ministrar cursos para profissionais sem formação e que atuavam como auxiliares de enfermagem. Época áurea de José Serra no ministério da saúde. Bons tempos e luxo só.

Nova reviravolta: saio do SENAC e sou candidata a vice-prefeita do Rio, com Ronaldo Cezar Coelho prefeito, pelo PSDB. Campanha difícil, mas digna, com programa de governo sério, mas sem espaço político de crescimento. Cesar Maia elegeu-se prefeito.

Em 2001, Luiz Paulo foi convidado a ser secretário de transportes da prefeitura e lá fui eu para a superintendência de transportes, em momento conturbado por excesso de autonomia de táxis e vans e kombis em guerra com as empresas de ônibus. Experiência interessante, mas dura. Saí para uma candidatura de deputada estadual em 2002. Outra experiência difícil, num



momento político em que o José Serra era candidato, mas Lula estava em alta e, mesmo que só no 2º turno, ganhou a eleição.

Mas a vida, como sempre, segue seu curso. Por algum tempo, dediquei-me ao PSDB, o que faço até hoje. Na direção partidária, sempre participei das diversas campanhas. Inclusive a de Geraldo Alkmin a presidente, quando era presidente do PSDB Mulher Nacional, função de que muito me orgulho, por ser

do PSDB e por representar as mulheres e ter viajado pelo Brasil por essa bandeira de igualdade que é cada vez mais atual.



Uma das melhores foi a de prefeito do Rio, em 2008, com o PSDB apoiando Fernando Gabeira e Luiz Paulo como seu vice. Fantástica campanha, com poucos recursos e grande animação. Mas, por 40 mil votos de milhões deles, ganhou a eleição Eduardo Paes, com a máquina do PMDB funcionando a todo vapor. Essa campanha marcou o coração de muitos, pela alegria, correção, seriedade e votação. A apuração levou muitos às lágrimas. Lá se ia mais um sonho coletivo de mudança.

E, em 2009, voltei à função original, e, em Duque de Caxias, exerci o cargo de secretária de educação do prefeito tucano eleito, Zito. Grande cidade, grandes problemas. Foi uma experiência interessante, dificuldades gigantescas. Rede de escolas sucateada, áreas muito violentas e sob controle do tráfico, aulas suspensas, pobreza, falta d'água. Mas bons profissionais, pessoas da equipe com disposição de trabalho, muitas ideias. No caminho, enchente terrível que transtornou a cidade e a vida de seus habitantes, piorando a condição das escolas, e a gripe suína levando à interrupção de aulas. Mas ficou a lembrança de bons momentos em visita às escolas, atividades com pais e alunos e Congresso de professores. Ficou, também, a certeza de que educação é tema fundamental e, sem tornar-se prioridade máxima, será difícil para as cidades, o estado e o Brasil encontrarem o caminho do desenvolvimento pleno e da justiça social.

A partir da eleição de 2010, voltei para a vida partidária em tempo integral. E nela fiquei até este ano de 2016. Ano em que o Rio é sede da Olimpíada. Mas não sobra muito otimismo. O caos do Brasil, a infelicidade que domina todos,



pela explosão da crise política e econômica, ainda mais somada ao completo desrespeito com o cidadão do governo do Estado e da prefeitura, colocou no meu caminho mais uma missão. Afinal, o acúmulo de experiência política, de gestão deve encontrar caminho mais produtivo de expressão. Por isso, a decisão de me tornar candidata a vereadora. A própria representação política é questionada e a sociedade precisa ganhar confiança em quem a representa.



Esta é a resposta democrática ao acirramento da crise. Pela história pessoal, política, profissional, por toda a minha trajetória considero que estou preparada para assumir tal responsabilidade. É mais um capítulo.